

Sexualidade na terceira idade: tabus e realidade

Sexuality in old age: taboos and reality

Adriano da Silva Rozendo
Juliana Medeiros Alves

RESUMO: Estereótipos de uma velhice assexuada permanecem no imaginário social. O presente trabalho baseia-se em uma pesquisa de campo que buscou analisar a maneira como a sexualidade é retratada e vivenciada na terceira idade. Foram entrevistados 32 idosos, com idade entre 60 e 75 anos. Temas como homoafetividade e sexo casual na velhice ainda são questões intocáveis nos campos de pesquisa, cultura e política. Mesmo ainda sendo tabu, a sexualidade continua sendo vivenciada pela maioria dos idosos.

Palavras-chave: Velhice; Terceira-Idade; Sexualidade.

ABSTRACT: *Stereotypes of an asexual old age remain in the social imaginary. This work is based on quantitative and qualitative data of a research focused to analyze the way sexuality have been portrayed and experienced in old age. 32 seniors aged between 60 and 75 years were interviewed. Topics as homoaffectivity and casual sex still untouchable in old age. Even being a taboo, sexuality still being experienced by most of the elderlies.*

Keywords: *Old-Age; Third-Age; Sexuality.*

Introdução

O número de idosos vem crescendo de maneira acelerada no Brasil e no mundo. As estatísticas da Organização Mundial de Saúde mostram que, nas últimas duas décadas, os países da América Latina vêm aumentando significativamente a expectativa de vida e promovendo melhores condições de saúde aos envelhescentes (WHO, 2014). No Brasil a expectativa de vida ao nascer, para ambos os sexos, já alcança os 75 anos, tal como em alguns países considerados desenvolvidos (WHO, 2014). Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que em 2050 a população idosa alcance 19% (IBGE, 2012). Projeções do IBGE (2015) apontam para a inversão da pirâmide etária nas próximas três décadas¹, o que faz do fenômeno do envelhecimento populacional uma realidade a ser analisada em sua complexidade.

O evidente aumento da expectativa de vida do brasileiro, sobretudo nas últimas duas décadas, está diretamente atrelado aos investimentos do Estado em políticas públicas de atenção ao envelhecimento. O acesso à renda, à seguridade social e às políticas especializadas são fatores a serem considerados neste quesito. Por outro lado, faltam investimentos em serviços mais onerosos, como por exemplo, programas de atenção a idosos em situação de dependência. Outro exemplo que carece investimentos são os projetos e campanhas que busquem dar orientação e desmistificar o campo da sexualidade na velhice, tal como vem apontando a literatura especializada (Melo, & Gorzoni, 2002; Araújo, 2007; Sousa, 2009).

A velhice na cultura ocidental ainda hoje é sinônimo de incapacidade, de decadência, de perdas biológicas, e sociais (Groisman, 2002). Enfim, um estado de declínio, de decrepitude física e mental, tornando os idosos despojados no campo econômico, social e também sexual. Conforme assinalam Gradim, Souza e Lobo (2007), envelhecer não está atrelado a enfraquecer, ficar triste, ou ser assexuado. Entretanto, na civilização hodierna, diversos mitos e atitudes sociais são atribuídos às pessoas com idade avançada, principalmente os relacionados à sexualidade, dificultando a discussão sobre a sexualidade nas idades mais avançadas.

¹ Recuperado em: 01 de junho, 2015, de:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/piramide/piramide.shtm.

Segundo as referidas autoras, as mudanças no corpo são inevitáveis; com o passar do tempo, porém, não necessariamente afetam a satisfação sexual do homem, ou da mulher. Mesmo com todas as mudanças, os longevos podem ter uma vida sexual prolongada, podendo o desejo alimentar experiências prazerosas.

A sexualidade do idoso deve ser compreendida de forma sistêmica e afastada dos estereótipos difundidos na cultura capitalista sobre ‘o velho’. De acordo com Debert e Brigeiro (2012), quando se trata de envelhecimento, muitos saberes especializados concordam que a sexualidade não se esgota com o passar dos anos. Já Mucida (2004, p. 41), compreende que:

[...] não é a idade que determina a ausência do desejo e, muito menos, a ausência ou a presença de relações sexuais mesmo que estas possam ser inscritas na velhice sob tecidos diferentes daqueles encontrados na adolescência e na vida adulta, nos quais computar os orgasmos é uma forma usual. A sexualidade do idoso pode encontrar caminhos inéditos nos quais o desejo, que não morre, encontra outras maneiras de inscrição.

Para Hogan (1985), a sexualidade deve ser compreendida como intrínseca a todo o indivíduo, a qualquer momento de sua vida, considerada singular a cada pessoa. A sexualidade é a fusão de sentimentos simbólicos e físicos, como ternura, respeito, aceitação e prazer. É construída progressivamente, sendo influenciada pela história, pela sociedade e pela cultura, conforme os aspectos individuais e psíquicos de cada um.

Conforme Laplanche e Pontalis (1997), a sexualidade engloba o histórico de cada pessoa, desde a infância; possui grande plasticidade e não está exclusivamente relacionada ao aparelho genital. É polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e relaciona-se com a simbolização do desejo.

Segundo Alencar, Marques, Leal, & Vieira (2014), as dificuldades na aceitação da sexualidade no processo de envelhecer podem advir tanto pela ausência de informação, quanto pela noção de que a sexualidade esteja restrita à genitalidade e procriação. Conforme os referidos autores, a educação da atual geração de idosos foi repressora, excluindo o diálogo entre pais e filhos para se falar de sexo. Assim, sentem-se desconfortáveis em dar opiniões e em falar sobre o assunto (Souza, 2014).

Para Almeida e Lourenço (2008), a sexualidade na terceira idade é um direito de todos os idosos, nem sempre respeitado. O desejo existe enquanto há vida e pode ser descoberto, ou redescoberto e vivenciado em qualquer idade.

Apesar das modificações ocorridas no organismo, ocorre a troca do “desempenho sexual atlético”, em que os pares estão em disputas performáticas, por momentos de busca de prazer e relaxamento (Nogueira, 2000).

Para Almeida e Lourenço (2008), os estereótipos de que as pessoas velhas não são atraentes fisicamente, são assexuadas, ou são incapazes de sentir algum estímulo sexual ainda estão impregnados no imaginário social. Tais mitos induzem os mais velhos a assumirem uma atitude pessimista na esfera da sexualidade. Entretanto, com os recursos médicos e farmacológicos da atualidade, a maioria das pessoas idosas está apta a usufruir uma vida sexual satisfatória, como nunca antes. Mesmo assim, o assunto ainda é um grande tabu na nossa cultura e quando vem à tona, costuma causar bastante polêmica.

Metodologia e Pesquisa de Campo

No presente estudo² realizamos entrevistas estruturadas com 32 (trinta e duas) pessoas idosas, frequentadoras do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (NEATI) da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário de Rondonópolis (UFMT/CUR). Rondonópolis é um município de grande porte localizado no interior de Mato Grosso, que foi pioneiro nas políticas de atenção à terceira idade no estado, na ocasião da implantação do NEATI, em 1993.

O questionário, que serviu de roteiro básico, foi previamente testado e reformulado. Nele havia perguntas sobre as características sociodemográficas (gênero, faixa etária, estado civil e escolaridade) do idoso e sobre o estado de saúde (percepção de saúde, problemas de saúde referidos). Mais adiante, constam as perguntas sobre a sexualidade (desejo, práticas, frequência etc.). As entrevistas foram realizadas no período entre fevereiro e junho de 2015.

² O presente trabalho é resultado preliminar de uma pesquisa com colaboração de discente de iniciação científica, bolsista PIBIC da CAPES. A presente pesquisa também recebeu o apoio da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT).

Mesmo com a orientação de um questionário, os idosos puderam dar diversas direções durante as entrevistas, podendo assim estabelecer diálogos e narrativas conforme seus interesses. Por este motivo, alguns comentários que nos chamaram à atenção foram anotados e transcritos neste trabalho.

Antes da realização das entrevistas, os participantes eram consultados se tinham interesse em participar de uma pesquisa ‘sobre sexualidade’. Após a concordância verbal foi feita a leitura e obtenção da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³.

Cabe aqui destacar um fato curioso. Ao anunciarmos a pesquisa ao grupo de terceira idade no primeiro dia em campo, diversas idosas se interessaram em responder, fazendo até filas nos primeiros dias de aplicação dos questionários. Os pesquisadores acreditavam que seria uma dificuldade conseguir sujeitos para participar das entrevistas, mas, pelo contrário, muitas idosas estavam ansiosas para participar do estudo.

Discussão e Resultados

Das 32 entrevistas realizadas, 91% (29) dos participantes eram do sexo feminino e 9% (3), masculino. A amostragem utilizada seguiu a mesma proporção dos frequentadores do NEATI: 90% de mulheres e 10% de homens. Os entrevistados tinham entre 60 e 75 anos; 53% eram casados (17), 25% viúvos (8), 13% divorciados (4) e solteiros 9% (3). Portanto, a maioria dos participantes vivia com companheiro.

Todos os entrevistados eram adeptos ao cristianismo. Dentre eles, os que se consideram praticantes eram 87% (28); os outros, 13% (4) declararam ser praticantes esporádicos. Portanto, tratava-se de pessoas com forte influência cristã-religiosa.

Quando indagados, “como se sentiam ao falar sobre sexualidade”, 66% (21) declararam estar à vontade, relatando ser algo normal em suas vidas. Outros 25% (8) disseram ficar constrangidos, pois, apesar de terem concordado em participar da pesquisa, não estavam acostumados a falar sobre o assunto ao longo da vida. Os indivíduos que se sentem desconfortáveis totalizaram 9% (3), justificando timidez, como se pode observar no relato de duas participantes, transcritos abaixo:

³ Por se tratar de uma pesquisa com adultos independentes, cujo único procedimento foi a entrevista guiada por questionário, não foi preciso submetê-la a comitê de ética, conforme definem as normas da Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPEQ/UFMT), à qual se vincula o estudo.

“Fazer sexo é diferente, a gente não foi preparado, não tá acostumado a falar disso (...). Mas toda mulher saudável tem vontade [risos].” (R.M.S.).

“Eu fui criado em fazenda; então eu fui criado no modo que a gente não podia ouvir, e nem falar (...). O sexo vai muito da cabeça da pessoa, mas eu acho que precisa.” (G.P.).

Ao serem questionados se “havia necessidade de a terceira idade adquirir conhecimento sobre sexualidade”, 88% (28) disseram sim, e 12% (4) que não. 50% (16) relataram ter dúvidas sobre o assunto, e outros 50% disseram ter pleno conhecimento, mas com a ressalva de que adquirir novos conhecimentos é necessário.

“Agora é saúde para o casal (...) tem que aprender a ter carinho, acho que é assim, pro sexo tem que ter amor e carinho. Falei pro meu marido quando aparecer um Viagra feminino, ele comprar (...). Nós precisamos dar um jeito nela [risos], tomo muito remédio e isso diminui meu fogo.” (L.F.P.)

Em relação ao desejo, foi perguntado se a pessoa tinha algum desejo/vontade, nos dias atuais: 69% (22) responderam sim, e 31% (10), não. Em seguida foram questionados sobre “a necessidade de ter relação sexual”: 75% (24) responderam que sim, e 25% (8), que não. Ao tratarmos sobre a prática sexual, poucos indivíduos admitiram realizá-las, pois 59% (19) falaram sim, e 41% (13), que não.

As práticas mais comuns relatadas seguiram a seguinte ordem: penetração vaginal, sonhos com conteúdos sexuais, ‘carícias’ e ‘toques’ entre casais heterossexuais, masturbação e pornografia. 21% dos entrevistados relataram não ter nenhum tipo de experiência sexual. Já a procura por vídeos pornográficos na internet foi mencionada por apenas uma participante. Os percentuais obtidos quanto às práticas sexuais podem ser observados no Gráfico abaixo:

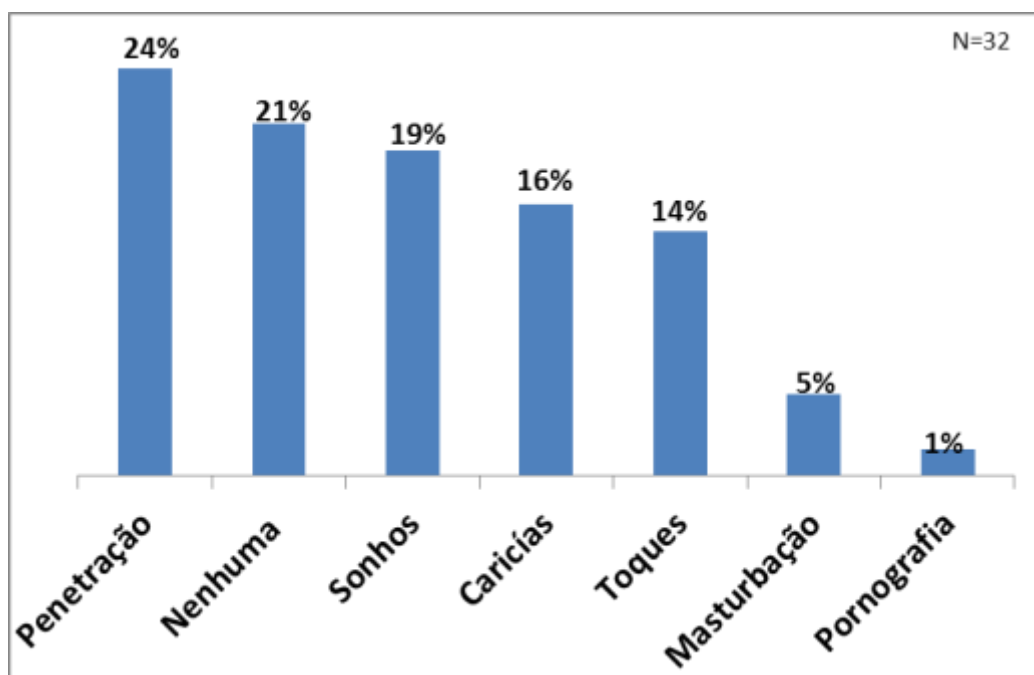


Gráfico 1: Práticas sexuais realizadas pelos idosos entrevistados

A frequência das relações sexuais relatadas foram: nunca 53% (17); diariamente 6% (2); semanalmente 22%, (7); mensalmente 10% (3); anualmente 9% (3).

O ‘amor’ foi o principal motivo relatado para o ato sexual, conforme 81% (26) dos entrevistados, seguidos por: casamento 10% (3); necessidade fisiológica 3% (1); e interesses pessoais 6% (2).

Para a terceira idade dos tempos atuais, a sexualidade está fortemente vinculada a sentimentos de amor e afetividade. Mesmo admitindo a prática da sexualidade, pejorativismos sobre interesses sexuais nos mais velhos foram reforçados nos discursos dos próprios participantes, conforme se observou na fala exaltada de uma das participantes:

“Esses velhos, são tudo tarados (...) eu acho a coisa mais feia esses velhos e velhas que ficam de safadeza, é um nojo.” (M.A P.).

Tornou-se recorrente este tipo de comentários durante toda a pesquisa. A terceira idade acaba, portanto, alimentando em nossa cultura estereótipos que afastam o idoso da vida sexual e a velhice da sexualidade ativa.

Em relação à mudança sexual da juventude para a velhice, 60% (19) consideraram uma mudança para melhor, sendo 40% (13) para pior.

Dentre as causas consideradas melhores estão: saberes especializados: geriatras e sexólogos, escolha dos parceiros, segundo relacionamento, menor cobrança moral (famílias, amigos), uso de artigos de *sex shop*, descoberta do orgasmo feminino, e fatores sociais em geral. Já as atribuições para um pior desempenho estão: a falta de vontade do parceiro(a), não amor ao marido, doenças, remédios controlados, menopausa e andropausa. Jaz aqui uma grande contradição entre os discursos mais moralistas e de negação da sexualidade, com a práxis cotidiana, o que aponta para melhorias na vida sexual.

“Se eu fosse igual, eu era novo (...) é que agora tudo é diferente. Aí (...) minha parceira não faz e eu procuro outra. Ela acha que sexo é coisa de novo. Daí, quando eu procuro fora (...) umas duas vezes ao mês.” (J.M.).

“Houve um pouco de mudança (...) diminuiu a vontade de estar tendo relações com o marido, não é como era antes, não tenho amor, casei muito nova, naquela época não podia escolher o marido”. (E.Q.).

“Tem que ser carinhoso (...) Porque os homens acham que é só chegar, precisa ter um preparo (...) é, tem que ter beijos antes.” (T.D.Z.).

“Tem hora que eu penso, será que eu terei sorte, porque nunca tive felicidade, porque só tive um marido (...). Eles falam que a gente nunca é velho para o sexo. Eu já sonhei beijando é ótimo.” [risos] (A.F.L.).

A sexualidade e a Cultura

A televisão brasileira nos últimos anos tem exibido com frequência em sua programação cenas que abordam os temas polêmicos sobre sexualidade, como o sexo entre adolescentes, homoafetividade e, agora, sexo na velhice.

Coincidentemente, durante a realização da presente pesquisa, uma emissora de televisão estava abordando o tema sexualidade com duas idosas; portanto, consideramos importante incluir uma pergunta sobre este tema. A telenovela, transmitida às 21h00, horário de Brasília, expõe o caso de duas senhoras de idade bastante avançada que mantêm um casamento homossexual. Das pessoas entrevistadas, 100% (32) desaprovam os homossexuais idosos, e repudiam o caso mostrado na novela da Rede Globo:

“Pra falar a verdade, eu sempre fui contra novelas mostrarem este tipo de coisa, porque para a educação não é bom (...) dá exemplo pras crianças.” (J.P.).

“Isso é uma aberração, se fossem jovens (...) mas duas velhas, que horror.” (J.M.).

“Esses povos, aí, deveria ser igual traição, fazer escondido (...) Essas atrizes perderam a salvação.” (P.M.).

A opinião dos entrevistados sobre o tema foi a mesma repercutida na mídia e nas redes sociais.

Diferentemente de outros casais *gays* que fizeram sucesso e caíram nas graças do povo na mesma programação televisiva, este, pelo contrário, forçou a emissora a mudar a direção do romance televisivo, assim como o roteiro previamente planejado. O casal *gay* de idosas chocou e ‘saiu de cena’, pois a repercussão na sociedade foi extremamente negativa e a novela havia perdido praticamente toda a sua audiência.

Líderes políticos e religiosos ‘entraram em cena’ pelos meios de comunicação e redes sociais condenando brutalmente a exibição pública daquilo que seria uma “pouca-vergonha”, uma cena que poderia degradar a moral e o desenvolvimento da infância. Por outro lado, a polêmica pode ser um primeiro passo para que a questão seja tratada com mais seriedade no futuro e, assim, contribuir um processo de desmistificação sobre a sexualidade na velhice.

“é legal aparecer na TV, mas eu não me sinto à vontade em ver (...). Essas coisas de beijo gay, ainda mais velhas têm que fazer escondido, igual traição.” (M.L.M.).

“Se a pessoa quer, a pessoa não pode ser bandeirosa, é uma aberração mulher com mulher e velha (...) uma falta de respeito.”
(M.J.P.).

“A motivação para fazer sexo, né?, principalmente na fase da terceira idade mais pelo amor (...) agora como se diz, era pra ser em qualquer idade, mas a maioria das pessoas não respeitam (...) eu acho que o sexo deveria ser por amor.” (J.P.).

Portanto, o tabu sobre a sexualidade torna-se ainda mais forte quando o tema toca a homoafetividade. Talvez discutir a sexualidade não seja mais um tabu para a terceira idade, mas quando o assunto envolve relações homossexuais, a discussão é polêmica e bastante rechaçada pela atual geração de idosos.

Considerações Finais

No domínio sexualidade, mais da metade dos participantes consideraram que a pessoa idosa necessita de sexo e procura sua realização sexual na velhice. Entretanto, continuam a discriminar por meio de ‘piadas’ aqueles que buscam realizações sexuais mais plenas.

A vida mais livre para as mulheres propicia inúmeras realizações sexuais despercebidas nas fases anteriores da vida. Algumas ainda esperaram encontrar um parceiro para tentar realizar tais satisfações que já o são em sua fantasia.

Neste levantamento, observou-se que o ato sexual sem ‘compromisso amoroso’ é praticado somente pelos homens. As mulheres (provavelmente influenciadas pelo cristianismo) relacionam o sexo ao casamento monogâmico; portanto, procuram um único parceiro fixo. Na maioria dos casos, as idosas que apresentam atividades sexuais, são casadas e/ou viúvas e estão em um ‘segundo relacionamento’.

Apesar de terem relatado desejos sexuais, boa parte dos entrevistados ainda não se sente à vontade para tais práticas, deixando-as ocorrer apenas na vida onírica, ou a reprimindo na sua totalidade.

A maioria sente necessidade de falar sobre o assunto, mas ainda o consideram tabu, o que justifica a baixa frequência de relações sexuais entre os participantes. Tem-se a impressão de que foi mais fácil trazer conteúdos sobre a sexualidade ao pesquisador, que pensá-los, discuti-los, e efetivá-los na vida real com as personagens cotidianos.

A moral cristã ainda é um forte fator na vida da presente geração de idosos. Perguntas mais diretas sobre a sexualidade e suas diversas práticas levam a respostas mais evasivas. Contudo, quando as perguntas são menos diretas, por exemplo: “sua vida sexual melhorou ou piorou entre a juventude e a terceira idade”, a maioria das mulheres aponta para uma vida sexual mais plena de realizações na velhice. Esboça-se aqui uma verdadeira dialética de um conflito de um mundo de desejos e estigmas que recaem sobre a sexualidade dos mais velhos.

Sexo na velhice ainda é um assunto proibido para a sociedade, apesar de não ser para a terceira idade que se dispõe prontamente a falar e, principalmente a ouvir sobre o assunto.

No presente estudo foi possível observar lacunas no conhecimento sobre sexualidade em indivíduos da terceira idade nos domínios desejo, desejar e realizar. Dessa forma, é relevante o desenvolvimento de programas de saúde pública específicos para esta população, que se dediquem de melhor forma à elucidação das principais dúvidas relacionadas à sexualidade. A partir de programas de instrução, poder-se-ia promover mudanças nos hábitos dos idosos e na cultura. Da mesma forma, é necessário o desenvolvimento de um número maior de estudos para avaliação do conhecimento sobre a sexualidade na população da terceira idade.

Referências

Alencar, D.L.de, Marques, A.P.de O., Leal, M.C.C., & Vieira, J.de C.M. (2014). *Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa*. Recuperado em 26 maio, 2015, de: <http://www.scielo.org/pdf/csc/v19n8/1413-8123-csc-19-08-03533.pdf>. (DOI: 10.1590/1413-81232014198.12092013).

Almeida, T., & Lourenço, M.L. (2008, jan.-jun.). Amor e sexualidade na velhice: direito nem sempre respeitado. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano*, 5(1), 130-140.

- Araújo, V.L.B. *et al.* (2007, dez.). Características da Aids na terceira idade em um hospital de referência do Estado do Ceará, Brasil. São Paulo (SP): *Rev Bras. Epidemiol.*, 10(4), 544-554.
- Debert, G.G., & Brigadeiro, M. (2012). Fronteiras de gêneros e a sexualidade na velhice. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, 17(80). Recuperado em 26 março, 2015, de: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n80/v27n80a03.pdf>.
- Grandim, C.V.C., Sousa, A.M.M., & Lobo, J.M. (2007) A prática sexual e o envelhecimento. *Cogitare enferm*, 12(2), 204-213. Recuperado em 28 março, 2015, de <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v12i2.9826>.
- Groisman, D. (2002, jan-abr.). A velhice entre o normal e o patológico. Rio de Janeiro (RJ): *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 9, 61-78.
- Hogan, R. (1985). Human sexuality - a nursing perspective. (2ª ed.). *Connecticut: Appleton Century Crofts*.
- IBGE. (2015). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Recuperado em 12 janeiro, 2015, de: <http://www.ibge.gov.br/home/>.
- Laplanche, J., & Pontalis, B.J. (2006). *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa (Portugal): Moraes Editores.
- Melo, M.R., & Gorzoni, M.E. (2002) Síndrome da imunodeficiência adquirida no idoso. *Revista Diagnóstico e Tratamento*, 7, 13-17.
- Mucida, Â. (2006). *O Sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Rio de Janeiro (RJ): Autêntica.
- Nogueira, L. (2000). *Sexo é bom em qualquer idade. Idade Ativa—revista eletrônica da terceira idade*. Recuperado em 20 janeiro, 2015, de: https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#newwindow=1&q=Nogueira%2C+L.+%282000%29.+Sexo+%C3%A9+bom+em+qualquer+idade.+Idade+Ativa%E2%80%93revista+eletr%C3%B4nica+da+terceira+idade.
- Sousa, A.C.A., Suassuna, D.S.B., & Costa, S.M.L. (2009). Perfil clínico-epidemiológico de idosos com Aids. *DST J. Bras. Doenças Sex. Transm*, 21(1), 22-26.
- Souza, M.P.de. (2014). *A sexualidade do Idoso: uma revisão sistemática da literatura*. (80 f.). Dissertação de mestrado em Ciências. Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo-USP, Ribeirão Preto (SP).
- Laplanche, J., & Pontalis, B.J. (1977). *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa (Portugal): Moraes Editores.
- World Health Organization (WHO). *World Health Statistics 2014*. Recuperado em 20 abril, 2015, de: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/112739/1/WHO_HIS_HSI_14.1_eng.pdf?ua=1.

Recebido em 20/07/2015

Aceito em 30/09/2015

Adriano da Silva Rozendo - Doutor em Psicologia, professor da Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Rondonópolis (MT), Brasil.

E-mail: rozendoadriano@aol.com

Juliana Medeiros Alves - Graduanda em Psicologia, pela Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT, Rondonópolis (MT), Brasil.

E-mail: medeirosalves@outlook.com